

RETRATOS DIGITAIS: SUBJETIVAÇÃO E VIOLÊNCIA NO ORKUT

ERNST-PEREIRA, Aracy (UCPEL)
(aracyep@terra.com.br)

A presente proposta procura analisar, a partir do entendimento de que o espírito de clã faz-se presente na internet de forma diferenciada, enunciados formulados por integrantes de grupos neonazistas no Orkut, considerando a relação entre o simbólico e o imaginário na constituição da “mística” comum do discurso das certezas que lhe é peculiar.

Interesso-me pelo processo de desinibição simbólica que a internet propicia em função da suspensão das proibições a que estamos normalmente submetidos. A socialidade que aí se instala é fluida, dispersa e sectária. Há uma compulsão à repetição, a adoção de atitudes denegatórias e a hostilização do diferente que vão caracterizar o “clã” no espaço digital. O que une seus membros são símbolos comuns e, principalmente, o imaginário, esse sendo responsável por “conseqüências ambíguas” de afirmação ou de destruição. (Orlandi, 2006)

De acordo com Dufour (2005), há, na contemporaneidade, a fabricação de uma nova forma-sujeito; a fabricação de um novo sujeito, o pós-moderno, ligado ao novo estado do capitalismo – o neoliberalismo – e submetido a uma nova ordem que desfaz toda e qualquer garantia simbólica, transcendental ou metassocial das trocas.

O que essa ótica constrói é um sujeito “precário, acrítico e psicotizante, [...] “aberto a todas as flutuações identitárias e, conseqüentemente, pronto para todas as conexões mercadológicas. O cerne do sujeito progressivamente dá lugar ao vazio do sujeito, um vazio aberto a todos os ventos.” (2005, p. 21-22) Esse vazio que, na modernidade, seria preenchido com a figura do grande Outro (a dimensão simbólica do Pai), Dufour fala em grande Sujeito, (Pátria, Pai Celeste, ...), na contemporaneidade (na pós-modernidade) permanece enquanto tal, pois constata-se o declínio da imago paterna.

As tentativas de preencher o vazio na contemporaneidade podem se voltar para figuras e narrativas históricas disponíveis, embora não mais fundadoras de referência. É provavelmente o que está ocorrendo nos grupos neonazistas no Orkut que continuam a sustentar o discurso nazista. Antes o sujeito para ser sujeito constituía-se a partir de um

exterior. Com a democracia, ele se transformou em sua própria origem, e isso é muito problemático.

Talvez fosse doloroso para o homem descobrir que ele só podia ser sujeito sendo sujeito de uma ficção, mas é mais penoso ainda se encontrar sem ficção: o risco é de não mais ser sujeito. (Dufour, 2005, p.72)

Segundo o autor, a pós-modernidade institui o espaço mutante. Tudo nela é flexível, inclusive os valores. O laço social se dispersa numa multiplicidade de socialidades, cada uma delas com suas próprias fixações referenciais. Surgem, então, pequenas narrativas, discursos marginais, localizados e circunstanciados, fragmentos, estilhaços das grandes narrativas que permitem a constituição de pequenas redes ternárias (com narrado/ele, narrador/eu e narratário/tu).

Foi, a partir do conjunto “eu”/“tu”(pessoas) e “ele”(não-pessoa), que as seqüências de referência (sdr) foram observadas, com base nas seguintes pressupostos: 1º) o modo de seu funcionamento no discurso pode inscrever ideológica e subjetivamente o(s) lugar(es) daquele que fala; 2º) o “ele” não é apenas um objeto de que se fala, mas um outro que participa do processo de subjetivação e determina a tomada de posição do “eu”; 3º) a temporalidade do “ele” (pretérita, no caso) é presentificada e assumida pelo “eu”. É o que se observa numa das seqüências analisadas: “A natureza é cruel então estamos também destinados a ser cruéis avante ns”. Em primeiro plano, tem-se a 3ª pessoa que mantém com a 1ª uma relação de causa(ela) e efeito(nós). É a partir da 3ª pessoa, que o discurso-outro, o da ciência, da biologia, opera o apagamento da causa, política e ideológica, envolvida na prática do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. Esse mecanismo possibilita atribuir à natureza o ônus da violência, apelando para o fato inegável de que a violência é uma faceta do processo natural, tornando-a assim, coletiva, natural e pressuposta da luta pela sobrevivência e das atrocidades cometidas.

O usuário ficcionaliza fatos ocorridos no passado, situando-os numa outra temporalidade. A temporalidade do “ele” e do “lá” torna-se a temporalidade do “eu” e do “tu”, do “aqui” e do “agora”. É, então, desse lugar (ausente) que o “eu” (se) enuncia no presente e vive virtualmente sua condição subjetiva. O alhures, aquilo de outro tempo e lugar dá-se a ver, faz-se presente na enunciação, tornando possível a cena da representação

do sujeito. O ausente/presente, nesse caso, é o Outro que o interpela e o faz (re)inventar uma identidade incerta, porque virtual e flutuante, com desencadeamentos fantasísticos de conseqüências funestas para si e para o(s) outro(s).

O que se constata é o fascínio, difuso e fragmentado, pela história que testemunha o fato de os novos sujeitos da pós-modernidade poderem se lançar a engodos e fanatismos, tentando remediar a falta do Outro. Segundo Dufour (2005), quando o Outro falta e não se pode enfrentar sozinho a autonomia ou a autofundação, a saída é juntar-se a outros. Daí a formação de “bandos”, “seitas” e “clãs”, formas pós-modernas de suturar a carência do Outro que impedem a entrada no discurso crítico.

O discurso analisado remete integralmente à retórica e à mística deletéria que teve conseqüências trágicas para a humanidade. Essa reverberação pode ser uma conseqüência do processo de dessimbolização dos indivíduos, de que fala o autor:

O limite absoluto da dessimbolização é quando mais nada vem assegurar e assumir o encaminhamento dos sujeitos para a função simbólica encarregada da relação e da busca de sentido. Nunca se chega aí verdadeiramente, mas, enfim, quando a relação de sentido desfalece, é sempre em detrimento do próprio da humanidade, a discursividade, e em proveito da relação de forças.

Na medida em que atualmente a esfera transcendente dos valores morais e culturais, dos princípios e dos ideais, vê-se suplantada pelo “novo espírito do capitalismo que “persegue um ideal de fluidez, de transparência, de circulação e de renovação que não pode se conciliar com o peso histórico desses valores culturais” (cf. Dufour, 2005, p. 200), é de se esperar que isso tenha implicações nos sujeitos e nas discursividades contemporâneas.

Referências Bibliográficas

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças*. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ORLANDI, Eni. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania. *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.